

HANS JAKOB VON GRIMMELSHAUSEN SIMPLICISSIMUS

VERSÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS DE
C. M. NOVAIS MADUREIRA

REVISÃO LITERÁRIA POR
BRUNO C. DUARTE

ILUSTRAÇÕES DE
LUTZ EHRENBARGER
E **JOSEPH SATTLER**





ÍNDICE

<i>Introdução</i>	7
-------------------------	---

O AVENTUROSO SIMPLICISSIMUS ALEMÃO

LIVRO PRIMEIRO	49
Capítulo Primeiro.....	51
Capítulo Segundo.....	54
Capítulo Terceiro.....	57
Capítulo Quarto.....	60
Capítulo Quinto.....	65
Capítulo Sexto	66
Capítulo Sétimo	68
Capítulo Oitavo	71
Capítulo Nono	74
Capítulo Décimo	77
Capítulo Décimo Primeiro.....	78
Capítulo Décimo Segundo.....	80
Capítulo Décimo Terceiro.....	83
Capítulo Décimo Quarto.....	85
Capítulo Décimo Quinto.....	89
Capítulo Décimo Sexto	91
Capítulo Décimo Sétimo	94

SIMPLICISSIMUS

Capítulo Décimo Oitavo	98
Capítulo Décimo Nono	100
Capítulo Vigésimo	103
Capítulo Vigésimo Primeiro	105
Capítulo Vigésimo Segundo	107
Capítulo Vigésimo Terceiro.	111
Capítulo Vigésimo Quarto.	113
Capítulo Vigésimo Quinto.	117
Capítulo Vigésimo Sexto	120
Capítulo Vigésimo Sétimo	122
Capítulo Vigésimo Oitavo	125
Capítulo Vigésimo Nono	127
Capítulo Trigésimo	128
Capítulo Trigésimo Primeiro.	131
Capítulo Trigésimo Segundo.	133
Capítulo Trigésimo Terceiro	134
Capítulo Trigésimo Quarto	136
 LIVRO SEGUNDO	 139
Capítulo Primeiro.	141
Capítulo Segundo.	143
Capítulo Terceiro.	145
Capítulo Quarto.	148
Capítulo Quinto	150
Capítulo Sexto	153
Capítulo Sétimo	155
Capítulo Oitavo	159
Capítulo Nono	162
Capítulo Décimo	166
Capítulo Décimo Primeiro.	170
Capítulo Décimo Segundo.	174
Capítulo Décimo Terceiro.	176
Capítulo Décimo Quarto	180
Capítulo Décimo Quinto	182
Capítulo Décimo Sexto	185

ÍNDICE

Capítulo Décimo Sétimo	187
Capítulo Décimo Oitavo	191
Capítulo Décimo Nono	194
Capítulo Vigésimo	196
Capítulo Vigésimo Primeiro	202
Capítulo Vigésimo Segundo	205
Capítulo Vigésimo Terceiro.	207
Capítulo Vigésimo Quarto.	209
Capítulo Vigésimo Quinto.	212
Capítulo Visésimo Sexto	217
Capítulo Vigésimo Sétimo	220
Capítulo Vigésimo Oitavo	224
Capítulo Vigésimo Nono	226
Capítulo Trigésimo	231
Capítulo Trigésimo Primeiro.	234
 LIVRO TERCEIRO	 243
Capítulo Primeiro.	245
Capítulo Segundo.	248
Capítulo Terceiro.	252
Capítulo Quarto	255
Capítulo Quinto	259
Capítulo Sexto	262
Capítulo Sétimo	265
Capítulo Oitavo	268
Capítulo Nono	271
Capítulo Décimo	274
Capítulo Décimo Primeiro.	278
Capítulo Décimo Segundo.	281
Capítulo Décimo Terceiro.	285
Capítulo Décimo Quarto	289
Capítulo Décimo Quinto	294
Capítulo Décimo Sexto	296
Capítulo Décimo Sétimo	299
Capítulo Décimo Oitavo	302

SIMPLICISSIMUS

Capítulo Décimo Nono	305
Capítulo Vigésimo	307
Capítulo Vigésimo Primeiro	310
Capítulo Vigésimo Segundo	316
Capítulo Vigésimo Terceiro.	319
Capítulo Vigésimo Quarto.	324
 LIVRO QUARTO.	 327
Capítulo Primeiro.	329
Capítulo Segundo.	332
Capítulo Terceiro	335
Capítulo Quarto	338
Capítulo Quinto	343
Capítulo Sexto	347
Capítulo Sétimo	350
Capítulo Oitavo	352
Capítulo Nono	355
Capítulo Décimo	358
Capítulo Décimo Primeiro.	363
Capítulo Décimo Segundo.	365
Capítulo Décimo Terceiro	368
Capítulo Décimo Quarto	372
Capítulo Décimo Quinto	375
Capítulo Décimo Sexto	378
Capítulo Décimo Sétimo	381
Capítulo Décimo Oitavo	384
Capítulo Décimo Nono	386
Capítulo Vigésimo	388
Capítulo Vigésimo Primeiro	390
Capítulo Vigésimo Segundo	393
Capítulo Vigésimo Terceiro.	396
Capítulo Vigésimo Quarto.	400
Capítulo Vigésimo Quinto.	403
Capítulo Vigésimo Sexto	406

ÍNDICE

LIVRO QUINTO.....	411
Capítulo Primeiro.....	413
Capítulo Segundo.....	417
Capítulo Terceiro.....	419
Capítulo Quarto.....	422
Capítulo Quinto.....	425
Capítulo Sexto.....	429
Capítulo Sétimo.....	432
Capítulo Oitavo.....	436
Capítulo Nono.....	441
Capítulo Décimo.....	443
Capítulo Décimo Primeiro.....	446
Capítulo Décimo Segundo.....	448
Capítulo Décimo Terceiro.....	452
Capítulo Décimo Quarto.....	456
Capítulo Décimo Quinto.....	460
Capítulo Décimo Sexto.....	464
Capítulo Décimo Sétimo.....	468
Capítulo Décimo Oitavo.....	471
Capítulo Décimo Nono.....	474
Capítulo Vigésimo.....	478
Capítulo Vigésimo Primeiro.....	482
Capítulo Vigésimo Segundo.....	488
Capítulo Vigésimo Terceiro.....	491
Capítulo Vigésimo Quarto.....	492
 LIVRO SEXTO.....	 499
Capítulo Primeiro.....	501
Capítulo Segundo.....	504
Capítulo Terceiro.....	508
Capítulo Quarto.....	510
Capítulo Quinto.....	517
Capítulo Sexto.....	521
Capítulo Sétimo.....	526
Capítulo Oitavo.....	530

SIMPLICISSIMUS

Capítulo Nono	535
Capítulo Décimo	539
Capítulo Décimo Primeiro.	542
Capítulo Décimo Segundo.	547
Capítulo Décimo Terceiro.	551
Capítulo Décimo Quarto.	556
Capítulo Décimo Quinto.	561
Capítulo Décimo Sexto	568
Capítulo Décimo Sétimo	572
Capítulo Décimo Oitavo	576
Capítulo Décimo Nono	579
Capítulo Vigésimo	583
Capítulo Vigésimo Primeiro	587
Capítulo Vigésimo Segundo	590
Capítulo Vigésimo Terceiro.	594
Relato de Joan Cornelissen Van Harlem, Capitão de um Barco Holandês, A Schleifheim Von Sulsfort, Alemão, Seu Bom Amigo, Acerca de Simplicissimus	598
Capítulo Vigésimo Quarto.	598
Capítulo Vigésimo Quinto.	601
Capítulo Vigésimo Sexto	606
Capítulo Vigésimo Sétimo	610
<i>Conclusão</i>	615



CAPÍTULO PRIMEIRO

Que trata da origem rústica de Simplicius e da sua idêntica educação

Nestes nossos tempos (que muitos pensam ser os últimos), tem vindo a manifestar-se entre as gentes do povo um vício que leva aqueles que por ele são assaltados, assim que conseguem reunir e guardar meia-dúzia de moedas nos bolsos, a exibirem-se em extravagantes trajos da moda com uma infinidade de adereços, e se – mesmo por puro acaso – conseguem alguma fama ou importância, pretendem ser fidalgos, cavaleiros ou nobres personagens, quando os seus pais não passavam de jornaleiros, carreteiros ou bufarinheiros; os seus primos, talvez burriqueiros; os seus irmãos, pilha-galinhas ou delatores; as suas irmãs, putas, e as suas mães, talvez alcoviteiras ou mesmo bruxas; enfim, ao longo de trinta e duas gerações, as suas estirpes foram mais manchadas e cheias de opróbrio do que a do grémio dos ratoneiros capitaneados pelo *Zuckerbastel* de Praga⁽¹⁾, pelo que esses novos nobres são de uma ralé mais obscura do que a dos que nasceram e foram criados na Guiné.

⁽¹⁾ Referência à novela de Nikolaus Ulenhart (1617) que parece ser uma versão alemã da novela picaresca de Cervantes, *Rinconete y Cortadillo*. Na novela de Ulenhart, um bando de ladrões de Praga é liderado por um fabricante de açúcar, o *Zuckerbastel*.

Eu, porém, não sou como esses infelizes, mas, tenho de reconhecer, mais do que uma vez imaginei descender de algum senhor, ou pelo menos de algum modesto nobre, visto que por natureza sinto certa inclinação para os lazeres e afazeres de fidalgo, para o que apenas me tem faltado o capital e os meios de os exercer. Deixemo-nos de graçolas: se exceptuarmos alguns pequenos pormenores, a minha origem e educação foram principescas. Como? O meu *knan* (assim se diz «pai» em Spessart^[2]) tinha o seu próprio palácio, tal que nenhum rei seria capaz de construí-lo com as suas próprias mãos, antes o deixaria por fazer para todo o sempre. Esse palácio era decorado com lama em vez do estéril mármore, do cinzento chumbo ou do avermelhado cobre, e era coberto com colmo. Para ostentar a sua riqueza e a sua ilustre estirpe, o meu *knan* levantou um muro em torno do seu palácio, não como os de outros grandes senhores com as vulgares pedras de que estão semeados os caminhos e os baldios, e muito menos com adobes toscamente amassados, que podem ser rapidamente fabricados e cozidos. Não! Usou a nobre e útil madeira de carvalho, aquela de que se fazem⁽³⁾ chouriços e presuntos e que leva mais de cem anos a atingir a maturidade. Que monarca se atreveria a imitar o meu *knan*? Os seus quartos, salas e aposentos foram cuidadosamente enegrecidos com o fumo da lareira, que fornece a pintura mais duradoura do mundo e que exige mais tempo para completar que o melhor quadro de um grande artista. As tapeçarias murais eram do mais delicado tecido que se possa imaginar, pois foram feitas para nós pela tecedeira que trabalhou para a própria deusa Minerva⁽⁴⁾. As janelas foram dedicadas a São Diáfano e por isso os cristais tinham, como nos antigos palácios romanos, sido substituídos por cânhamo e linho, que consomem

(²) Região pobre e esparsamente povoada, com florestas e raras quintas, a norte do rio Meno e a sudeste do rio Kinzig, caracterizada por grande riqueza de palavras e frases dialectais muito típicas.

(³) Os carvalhos produzem bolotas que, à época, eram muito usadas para alimentar porcos, logo, os porcos crescem das (ou nas) árvores.

(⁴) Referência a um mito grego, contado por Ovídio, em que Aracne, famosa pela sua habilidade a tecer, é transformada em aranha por se ter gabado de superar a deusa nessa arte.

mais tempo e exigem mais trabalho do que a mais clara vidraria de Murano. Dado o seu estatuto social, o meu pai pensava que apenas aquilo que se obtém com muito trabalho pode constituir um objecto precioso, e que só o que era precioso era digno da sua nobreza. Em vez de lacaios, pajens e palafreiros, o meu pai tinha cordeiros, carneiros e porcos, todos eles engalanados com as suas librés naturais, que muitas vezes me fizeram companhia, esperando pacientemente que regressasse a casa. O nosso arsenal, ou armaria, estava bem fornecido de arados, picos, machados, enxadas, pás e forquilhas para feno e estrume, com que o meu *knan* se exercitava diariamente, como em tempo de paz faziam os antigos romanos, cavando e lavrando. Capitaneava bois, enjugando-os, e os montes de estrume eram as suas fortificações; as sementeiras eram os seus campos de batalha, e desmatar os campos era a sua nobre diversão em torneios e patrulhas. Assim varreu todo o globo terrestre, o mais longe que conseguiu, e cada colheita proporcionou-lhe um valioso legado. E digo isto só de passagem, sem gabarolice, para que ninguém se ria de mim como dos outros falsos nobres, mas a verdade é que a ninguém tenho por melhor do que o meu *knan*, que vivia em Spessart, lugar muito divertido onde os lobos se dão as boas-noites com compridos uivos e ululos mútuos. Se me não detenho mais longamente na estirpe e estatuto do meu pai, é pelo intuito de ser breve, até porque não é este o lugar adequado para discorrer sobre as nobres instituições a que possa estar vinculado. Basta saber, apenas, que Spessart foi o meu lugar de nascimento.

Do que deixo dito sobre o regime reinante na nobre casa do meu *knan*, qualquer um pode imaginar o tipo de educação que recebi; a quem assim pense não enganarei, ao apontar que, ao cumprir os meus dez anos, conhecia já os traços essenciais das acima mencionadas nobres artes do meu pai. No que aos estudos se refere, posso comparar-me com o famoso Anfístides⁽⁵⁾ de quem o Suidas⁽⁶⁾ diz

(5) Personagem imaginária, epítome da estupidez, que, quando casou, não ousou tocar na mulher com medo de que ela fosse queixar-se à mãe, nem nunca soube ao certo se tinha nascido de seu pai ou de sua mãe.

(6) Título de um extenso léxico bizantino, de autor desconhecido, do século x.

que só sabia contar até cinco. Talvez o meu *knan* tivesse um espírito demasiado elevado para poder fugir aos costumes da época, quando a maioria dos cavaleiros distintos não costumava preocupar-se com os estudos, ou, como costumavam dizer, com as palhaçadas da escola, com os «ademanes de escola», pois tinham gente para lidar com essas coisas. Além disso, eu era um virtuoso da gaita-de-foles, com a qual executava belas e lamentosas melodias. Finalmente, antes que me esqueça, falarei das minhas relações com a teologia: não creio que, naquela época, existisse na cristandade ninguém da minha idade que me igualasse, porque eu nada sabia de Deus nem dos homens, nem do inferno, nem do céu, nem dos anjos e demónios, e não sabia distinguir o bem do mal. Pode facilmente supor-se que, com tal religião, vivia como os nossos primeiros pais no Paraíso, que, na sua inocência, nada sabiam das doenças, do morrer e da morte, e menos ainda da ressurreição. Ó vida elementar (ou, melhor dizendo, jumentar!), em que nem sequer me preocupava com a medicina! Semelhantes eram também os meus conhecimentos do Direito e, em geral, de todas as demais artes e ciências: tão perfeita era a minha ignorância, que nem podia saber que não sabia nada. E repito: Ó vida elementar e regalada! Porém, o meu *knan* não teve por bem deixar-me por mais tempo em tal ditoso estado, e, considerando que a nobreza do meu berço exigia uma vida e uma actividade mais elevadas, começou com duras lições a pôr-me em contacto com as coisas mais elevadas da vida.

CAPÍTULO SEGUNDO

*Em que se descreve o primeiro passo de Simplicius
para as alturas, assim como o elogio da vida pastoril
e outros excelentes ensinamentos*

Antes de mais, conferiu-me a mais elevada dignidade, não só da sua corte, mas do mundo inteiro: a nobilíssima missão de pastor. Confiou-me primeiro os seus porcos, depois as suas cabras, e, por

fim, os seus rebanhos de cordeiros, que eu devia vigiar, conduzir aos pastos e, com o som da minha gaita (cujo som, segundo Estrabão, faz engordar as ovelhas e os cordeiros na Arábia), proteger do lobo. Nessa altura, eu era semelhante a David, só que, em vez de uma harpa, tinha uma gaita-de-foles. Não me pareceu este um mau começo, mas um excelente sinal, porque me apontava a possibilidade de ver-me convertido, com o tempo e um pouco de sorte, em homem de fama universal. Na história do mundo, todas as grandes personagens começaram como pastores: é o que nos referem as Sagradas Escrituras quando falam de Abel, Abraão, Isaac, Jacob e seus filhos, e do próprio Moisés, que teve de guardar as ovelhas do seu cunhado antes de se converter em legislador e condutor do seu rebanho de seiscentos mil Israelitas.

Pois sim, amigo — poderia alguém objectar-me —, mas esses que citas foram santos varões tementes da divindade, e não filhos de um rústico de Spessart, ignorantes de Deus. A esses, nada posso responder. Porém, terá um homem de expiar eternamente a sua inocência de antanho? Porque, nos antigos pagãos, também podemos encontrar exemplos semelhantes aos do povo eleito⁽⁷⁾: entre os Romanos houve distintíssimas linhagens chamadas Bubulcos, Estatilos, Pomponios Vitulos, Vitelios, Annios Capros e outras⁽⁸⁾, por terem originalmente tratado ou mesmo guardado animais. Rómulo e Remo também foram pastores, tal como Espártaco, antes de fazer estremecer o próprio Império Romano. Verdade ou não? Foram pastores (e disso dá testemunho Luciano^[9] no seu *Diálogo de Helena*) Páris, filho do rei Príamo, e Anquises,

(7) A quase infinidade de menções e citações, muito em moda na época, com que Grimmshausen enche este livro, na sua maioria sem remissão biobibliográfica ou nota enciclopédica, levanta a questão de saber se está a pressupor que os seus leitores dominam toda esta extensa cultura literária ou se, pelo contrário, se satisfazem com ladainhas misteriosas, mas bem-sonantes.

(8) Capros Bubulcos, pastor de gado; Estatilos, família com o cognome de Taurus (= touro); Vitulos (vitela); Vitellios (= vitelina); Capros (= cabra). Trata-se aqui de um extracto quase literal da *Piazza Universale*, de Thomas Garzoni (1549-1589) que Grimmshausen cita repetidamente.

(9) Escritor satírico grego.

pai do príncipe troiano Eneias. O belo Endimion⁽¹⁰⁾, cortejado até pela casta Lua, era também ele pastor, e o mesmo pode dizer-se do temível Polifemo⁽¹¹⁾. E, como diz Fornuto⁽¹²⁾, os próprios deuses não se envergonhavam desse ofício. Apolo cuidou das vacas do rei Admeto da Tessália; Mercúrio, o seu filho, Dáfnis⁽¹³⁾, Pã e Proteu foram grandes pastores, razão pela qual ainda hoje são, para os poetas loucos, os patronos dos pastores. Ciro, o poderoso rei dos Persas, não só foi criado por Mitrídates, um pastor, como também tratou de guardar rebanhos. Giges⁽¹⁴⁾ era pastor, e foi tão-só graças ao poder de um anel que chegou a monarca. Ismael Sofi⁽¹⁵⁾, rei da Pérsia, quando jovem, apascentou rebanhos e escreveu com grande sensatez. Fílon⁽¹⁶⁾, o judeu, na sua *Vita Moses*, escreveu que o ofício de pastor é a preparação e o início da arte de governar, pois da mesma maneira que Bellicosa e Martialia Ingenia⁽¹⁷⁾ se exercitaram primeiro na caça, também aqueles que são educados para o governo devem primeiro ser treinados na grata e aprazível arte do pastoreio. O meu *knan* deve ter entendido tudo isto na perfeição, visto que, até ao dia de hoje, as minhas esperanças de futura grandeza nunca sofreram beliscadura alguma.

Mas, voltando ao meu rebanho, o lobo era para mim tão pouco conhecido como a minha própria ignorância; por isso mesmo, o meu pai foi ainda mais diligente na instrução que me dava:

— Presta atenção, pequeno. Não deixes que os cordeiros se separem e toca animadamente a tua gaita, a fim de que o lobo não

⁽¹⁰⁾ Pastor da mitologia grega, amante da deusa lunar Selene, que o lançou num sono eterno.

⁽¹¹⁾ O gigante com um só olho que Ulisses cega na *Odisseia* de Homero.

⁽¹²⁾ Fornuto (ou Cornuto), filósofo estóico do tempo de Nero, que escreveu em grego um livro sobre a natureza dos deuses.

⁽¹³⁾ Dáfnis, o lendário pastor da Sicília, supostamente o inventor da poesia bucólica. É frequente o seu aparecimento na poesia pastoral do período barroco.

⁽¹⁴⁾ Segundo Heródoto, foi um pequeno pastor que encontrou um anel que podia torná-lo invisível. Foi rei da Lídia, na Ásia Menor (680-652 a.C.).

⁽¹⁵⁾ Ismael Sophi (1487-1524), fundador de uma das dinastias persas.

⁽¹⁶⁾ Fílon de Alexandria, escritor e filósofo judeu do século I d.C.

⁽¹⁷⁾ Personagens imaginárias da já citada obra de Garzoni.

apareça para cometer as suas maldades. Porque esse desgraçado é um ladrão de quatro patas que devora homens e animais. Tem muito cuidado, porque se te descuidas e te safas com vida das suas garras, serei eu quem te chegará a roupa ao pêlo.

E eu respondi com a mesma candura:

— Pai, diz-me como é o lobo, porque nunca o vi na minha vida.

— Ah, seu estúpido, cabeça de burro! Serás toda a vida um idiota, e poucas esperanças poderei ter acerca do teu porvir se não conseguires descobrir por ti mesmo que espécie de bandido é o lobo!

Deu-me ainda outros ensinamentos, e foi-se embora resmungando, com um humor dos diabos, convencido de que o meu rude e fraco entendimento nunca seria capaz de assimilar as suas subtis explicações.

CAPÍTULO TERCEIRO

Que trata das penas de uma gaita fiel

E assim começou a minha carreira ao som da minha gaita. Tocava-a de tal maneira que com ela teria podido despachar todos os sapos da horta, com ela me sentia a salvo do lobo, que nunca podia apartar do pensamento. E, como ouvira dizer à minha *meuder* (assim chamamos às mães no Spessart e no Vogelsberg^[18]) que as galinhas morriam por ouvir-me cantar, a minha voz juntou-se às notas da gaita para fortalecer o meu remédio contra o lobo e cantei uma canção que aprendera com a minha própria *meuder*:

*Oh, tu, tão desprezado camponês,
tu és o melhor que há na terra!
Nenhum homem saberá louvar-te o bastante,
quando em ti fixa a atenção.*

⁽¹⁸⁾ Vogelsberg, montanha a noroeste da região de Spessart, também ela rica em florestas e quintas.

*Qual seria o estado deste mundo
se Adão não tivesse trabalhado o campo?
Do arado e da enxada se alimenta
aquele de quem os filhos nascem príncipes.*

*Quase tudo o que nasce da terra
está sob o teu domínio, tudo
aquilo de que é nutrida a terra
Passa primeiro pelas tuas mãos.*

*Até o imperador, que Deus nos deu
Para nos proteger, tem de viver
Às tuas mãos, e o mesmo faz o soldado,
Que não poucos danos te inflige.*

*De ti apenas vem a carne que comemos,
E também de ti é feito o vinho,
Tão necessário à terra é o teu arado
Para nos dar pão quanto baste.*

*Ser-nos-ia selvagem e pedregosa a terra
se sobre ela não assentasses o teu lar,
Grande seria a tristeza no mundo
Se nele já não houvesse um camponês!*

*Por isso deves sempre ser louvado;
pois que a todos nos dás sustento,
e a própria natureza te ama
e Deus abençoa a tua arte dos campos.*

*Dos camponeses não se ouve dizer que
lhes tocou a maldita e nefasta podagra
que traz à nobreza grande aflição
e a muitos ricos até à morte.*

*Da arrogância da corte estás livre,
em especial nos tempos que correm,
E assim como ela não te controla,
Mais te carrega Deus com a cruz.*

*E até a maldade dos soldados
Joga apesar de tudo a teu favor,
Para que não te deixes levar pela soberba
Diz ele: Tudo o que possuis é meu.*

Só até aqui pude chegar com o meu canto, pois logo me vi rodeado, com o meu rebanho, por uma quadrilha de couraceiros que certamente andavam perdidos no bosque e tinham sido guiados até mim pela minha música e os meus chilreios pastoris.

— Eh, lá — disse para mim mesmo. — Que tipos mais estranhos! São estes ladrões de quatro patas contra os quais me preveniu o meu pai.

A princípio só vi rocins e pessoas (como sucedeu aos índios americanos com a cavalaria espanhola), como se fossem criaturas únicas e de uma só peça, e não tive dúvidas de que eram lobos, pelo que quis afugentar a toda a pressa esses horríveis centauros. Mal tinha ainda, com esse fim, pegado na minha gaita, e logo um deles me colheu por um ombro e levantou-me para a sela com tal ímpeto e força, que, passando para o outro lado, dei com os ossos no chão. Caí sobre a minha gaita, que começou imediatamente a esganiçar-se como se quisesse chamar o mundo inteiro em seu auxílio, o que não lhe serviu de nada, porque, tendo perdido o meu último alento, tive de voltar à sela, desgostado pela acusação dos cavaleiros de que, tendo caído sobre ela, lhe provocara essa prolongada e lastimosa queixa. Como um *primum mobile*⁽¹⁹⁾, o cavalo retomou o seu trote

⁽¹⁹⁾ *Primum mobile*, expressão filosófica latina para «aquele que dá início a todo o movimento». De acordo com Aristóteles, é a esfera exterior que impele ao movimento todas as outras esferas interiores, incluindo a Terra, que se encontra no seu centro comum.

até chegar à choça do meu pai. Maravilhosas quimeras me invadiram a imaginação: pensei ter-me convertido em ginete armado, visto que também eu cavalgava um animal para mim tão estranho, mas, como a transformação não teve lugar, perdi-me em outros pensamentos; supus que estes couraceiros só queriam ajudar-me a guiar o gado, visto que nem um só cordeiro devoraram e que todo o seu afã se encaminhava para a casa do meu pai. O que me espantou foi os meus pais não terem acudido a receber-nos para nos darem as boas-vindas. Inútil esperança, visto que ele e a minha mãe, juntamente com a Ursele, filha única e querida do meu pai, não consideraram prudente aguardar semelhantes hóspedes e saíram a fugir pela porta das traseiras.

CAPÍTULO QUARTO

*De como a residência de Simplicius foi tomada,
saqueada e destruída, e das atrocidades
levadas a cabo pelos guerreiros*

Embora não fosse minha primeira intenção levar o pacífico leitor até à casa e à horta do meu pai na companhia destes rufiões, pois já é suficientemente lamentável o que se vai seguir, exige a minha história que transmita à querida posteridade as crueldades que se cometeram nesta nossa guerra alemã, para, por meio do meu próprio exemplo, deixar testemunho do modo como tantas vezes a bondade do Altíssimo nos sujeita, para nosso bem, a tais sofrimentos. Porque, caro leitor, quem me diria que no céu havia um Deus, quando os soldados destroçaram a casa do meu pai e eu me vi obrigado a conhecer outras gentes, com quem tanto aprendi? Não muito tempo antes, nem teria sido capaz de saber ou de imaginar que houvesse no mundo mais pessoas além do meu pai, da minha mãe, de mim e do resto dos serviçais da casa, visto não conhecer outros homens nem outras habitações além da minha. Mas não tardei a saber como vimos a este mundo e como estamos destinados a logo

abandoná-lo, mas, na altura, eu, de humano, pouco mais tinha do que a forma e um nome que me tornava cristão, e, quanto ao resto, pouco mais era do que um animal. O Altíssimo, no entanto, olhou a minha inocência com olhos clementes e dispôs que eu O pudesse conhecer tanto como chegaria a conhecer-me a mim mesmo. Pese ter tantos caminhos para o fazer, quis sem dúvida, ao castigar o meu pai e a minha mãe por me terem educado de modo tão lamentável, que isso servisse a outros de exemplo.

A primeira coisa que os soldados fizeram foi prender os seus cavalos, após o que cada um se dedicou às suas tarefas, que contribuíam sempre para a simples ruína e destruição. Enquanto uns começaram a degolar, a fritar e a assar gado como se ali fosse celebrar-se copioso banquete, outros invadiram a casa, vasculhando-a de cima a baixo; nem o quarto mais escondido ficou a salvo, como se nele fossem encontrar o velo de ouro da Cólquida⁽²⁰⁾. Outros fizeram grandes fardos com as roupas, vestidos e utensílios domésticos de todos os tipos, como se pensassem estabelecer em algum sítio uma grande loja de trastes usados, e aquilo que não quiseram levar, destruíram por inteiro. Cravaram os sabres no feno, como se não tivessem tido suficientes cordeiros e porcos para esfaquear, sacudindo as penas dos lençóis, e encheram os panos com carnes curadas, toucinho e coisas semelhantes, como se desse modo fossem ficar mais ricos. Destruíram a lareira e as janelas, como se anunciassem um eterno Verão; fizeram em fanicos os utensílios de cobre e estanho, empacotando os pedaços torcidos; queimaram as camas, mesas, cadeiras e bancos, apesar de haver lenha de sobra no pátio, e por último partiram canecas e pratos, não sei se porque preferiam

⁽²⁰⁾ Cidade do mar Negro cujo rei, Eetes, possuía o Tosão de Ouro que, no mito grego, foi roubado por Jasão, o apaixonado de Medeia, a filha do rei. O «tosão de ouro», ou «pele dourada», é uma referência às peles de carneiro que os povos primitivos usavam para forrar os canais pelos quais faziam correr, juntamente com água em abundância, os seus minérios, para que o ouro ficasse retido na lã; depois de postas a secar ao sol, as peles pareciam, elas próprias, ser feitas de ouro. O Tosão de Ouro é, portanto, um símbolo ou sinal de riqueza e poder.